

Buckminster Fuller: fazer mais com menos

Por Cristiano Ricardo · Publicado em 12/07/2026

Antes de virar símbolo do design sustentável, Buckminster Fuller quase desistiu de tudo. Sua trajetória, do fracasso pessoal ao domo geodésico, ensina algo raro: que reinventar o mundo começa por reinventar a própria vida, com humildade e coragem.

Versão online e eventuais atualizações:

<https://cristianoricardo.com/post/buckminster-fuller-fazer-mais-com-menos>

Há uma frase que Buckminster Fuller repetia como quem reza: não mude os homens, mude o ambiente em que eles vivem, e os homens vão mudar sozinhos. Ele acreditava nisso com uma fé quase religiosa, mas chegou a essa certeza pelo caminho mais difícil possível.

Aos trinta e dois anos, Fuller estava falido, sem emprego, morando à custa da família da esposa, depois de perder a primeira filha para difteria e escarlatina. Numa noite, à beira de um lago em Chicago, pensou seriamente em desaparecer, em se afogar, para que o seguro de vida sustentasse a filha que ele não conseguia sustentar vivo. Não fez isso. Em vez disso, tomou uma decisão estranha e definitiva: passaria o resto da vida testando se um único ser humano comum poderia contribuir de forma significativa para o planeta, sem se importar se ganhasse dinheiro com isso.

Dessa promessa nasceram o domo geodésico, o mapa Dymaxion, o conceito de Espaçonave Terra, e uma obra inteira dedicada a fazer mais com menos: mais abrigo, mais energia, mais alimento, gastando menos material, menos combustível, menos tempo humano desperdiçado. Fuller não foi perfeito. Grande parte de suas invenções nunca saiu do papel ou não resistiu ao mercado, e ele tinha fama de monologar por horas sobre si mesmo, convencido da própria genialidade, o que afastava tanto quanto atraía.

Ainda assim, há algo nele que ecoa em outros nomes que insistem em reinventar sistemas em vez de remendar sintomas. Paulo Freire, décadas depois, diria que ninguém educa ninguém, que as pessoas se educam entre si mediatizadas pelo mundo, uma ideia irmã da de Fuller: o ambiente ensina, a estrutura liberta ou aprisiona. E mais perto de nós, Débora Garófalo, professora paulistana que transformou lixo eletrônico em robótica dentro da escola pública, prova todos os dias que o princípio de Fuller ainda funciona. Dar às pessoas ferramentas simples e um ambiente pensado com inteligência produz mais transformação do que qualquer discurso sobre transformação.

Isso interessa demais à sustentabilidade, porque ainda tratamos o tema como sacrifício, como abrir mão de conforto. Fuller pensava o oposto. Usar menos matéria prima para fazer mais coisas, com design inteligente, não é privação, é sofisticação. Um domo geodésico usa uma fração do material de uma construção convencional para cobrir o mesmo volume. Essa lógica, aplicada à educação, à cidade, à economia, muda a pergunta de como economizar para como projetar melhor.

Fica então o convite que talvez seja o legado mais honesto de Fuller. Ele não pede admiração cega, pede que se olhe para o que quase virou um homem à beira de um lago e se pergunte: quanto do que fazemos hoje é remendo, e quanto é reinvenção de verdade?